

OPINATIVOS E DE REVISÃO

A HOMOFOBIA INTERNALIZADA COMO UM PROCESSO PSICOSSOCIAL: CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

José da Silva Oliveira Neto¹, James Ferreira Moura Junior², Ana Ignez Belém Lima³, Juliana Fernandes Eloí⁴

INTERNALIZED HOMOPHOBIA AS A PSYCHOSOCIAL PROCESS: CONTRIBUTIONS FROM HISTORICAL-CULTURAL PSYCHOLOGY

LA HOMOFOBIA INTERIORIZADA COMO UN PROCESO PSICOSOCIAL: APORTACIONES DE LA PSICOLOGÍA HISTÓRICO-CULTURAL

Resumo: A homofobia se configura como um fator que influencia as relações sociais dos sujeitos de forma negativa e que exclui pessoas LGBTQIA+, repercutindo homofobia internalizada, de modo que corrobora maior incidência de transtornos psicológicos, automutilação e suicídio. Este estudo se trata de uma revisão narrativa de literatura e objetiva compreender a natureza e a dinâmica da homofobia internalizada e suas implicações. A análise dos dados foi realizada tomando como base a Psicologia Histórico-Cultural de Lev Semenovitch Vigotski, a qual evidencia que homofobia internalizada tem sua gênese nas relações sociais, tornando-se subjetiva por meio de um complexo processo de internalização que pode trazer implicações negativas para o psiquismo de pessoas homossexuais. Assim, percebeu-se que a Psicologia Histórico-Cultural pode se constituir em uma ferramenta crítica e contextualizada para a compreensão da homofobia internalizada, alijando-se de teorias psicológicas que apontam para a resolução do sofrimento psíquico apenas no campo subjetivo. Por fim, aponta-se ser urgente que intervenções psicossociais sejam elaboradas tomando como eixo de partida a complexa relação que se estabelece entre homofobia internalizada e elementos psicossociais.

Palavras-chave: Homofobia internalizada; Psicologia histórico-cultural; Sexualidade humana; Lev Semenovitch Vigotski.

Abstract: Homophobia is configured as a factor that influences the social relations of subjects in a negative way and that excludes LGBTQIA+ people, resulting in internalized homophobia, which corroborates a higher incidence of psychological disorders, self-mutilation and suicide. This study is a narrative literature review and aims to understand the nature and dynamics of internalized homophobia and its implications. The data analysis was based on Lev Semenovitch Vygotsky's Historical-Cultural Psychology, which shows that internalized homophobia has its genesis in social relations, becoming subjective through a complex process of internalization that can bring negative implications to the psyche of homosexual people. Thus, it was perceived that Historical-Cultural Psychology can be a critical and contextualized tool for the understanding of internalized homophobia, moving away from psychological theories that point to the resolution of psychological suffering only in the subjective field. Finally, it is urgent that psychosocial interventions be developed taking as a starting point the complex relationship between internalized homophobia and psychosocial elements.

Keywords: Homophobia; Internalized homophobia; Historical-Cultural Psychology; Human Sexuality.

Resumen: La homofobia se configura como un factor que influye de forma negativa en las relaciones sociales de los sujetos y que excluye a las personas LGBTQIA+, reflejando la homofobia interiorizada, de manera que corrobora una mayor incidencia de trastornos psicológicos, automutilación y suicidio. Este estudio es una revisión narrativa de la literatura y tiene como objetivo comprender la naturaleza y la dinámica de la homofobia interiorizada y sus implicaciones. El análisis



¹Mestre em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Departamento de Psicologia, Fortaleza, Brasil. netooliveirapsi@gmail.com

²Doutor em Psicologia, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, Redenção, Brasil. james.mourajr@unilab.edu.br

³Doutora em Psicologia, Universidade Estadual do Ceará, Curso de Psicologia, Fortaleza, Brasil. anaignezbelem@gmail.com

⁴Doutora em Psicologia Universidade Federal do Ceará, Departamento de Psicologia, Fortaleza, Brasil. julianafernadeseloi@gmail.com

de los datos se llevó a cabo en base a la Psicología Histórico-Cultural de Lev Semenovich Vygotsky, que demuestra que la homofobia internalizada tiene su génesis en las relaciones sociales, volviéndose subjetiva a través de un complejo proceso de internalización que puede traer implicaciones negativas para el psiquismo de las personas homosexuales. Así, se percibió que la Psicología Histórico-Cultural puede ser una herramienta crítica y contextualizada para la comprensión de la homofobia internalizada, apoyándose en teorías psicológicas que apuntan a la resolución del sufrimiento psíquico solo en el campo subjetivo. Finalmente, es urgente que se desarrollen intervenciones psicosociales tomando como punto de partida la compleja relación entre la homofobia internalizada y los elementos psicosociales.

Palabras clave: Homofobia internalizada; Psicología Histórico-Cultural; Sexualidad Humana; Lev Semenovich Vigotski.

Introdução

Desde a mais tenra infância, há uma régua que separa experiências consideradas próprias de meninos de outras consideradas próprias de meninas (COUTO JUNIOR et al., 2018; RIOS et al., 2019). Dessa forma, padrões de comportamento e de conduta são definidos como adequados ou inadequados a depender do gênero com o qual a comunidade identifica uma dada pessoa. Nesse contexto, meninos são ensinados a brincar de carrinho, e meninas são ensinadas a cuidar de suas bonecas; o imperativo do azul se impõe para os meninos e o do rosa, para as meninas (OLIVEIRA NETO et al., 2018).

Acontece que, unidas à estruturação do comportamento e da conduta hegemônica de gênero, as formas de afeto e de desejo também são reguladas. Dessa forma, meninos são ensinados a desejar meninas, e essas, por sua vez, ensinadas a amar meninos. Como num grande ensaio para o período da vida adulta, meninos e meninas são guiados a um destino unívoco: o casamento heterossexual (VIEIRA et al., 2018a). Entretanto, nem sempre os arranjos saem como o planejado; às vezes, os corpos e os afetos se direcionam para caminhos não esperados, isto é, contra hegemônicos. Meninos se surpreendem amando meninos; meninas se percebem desejando meninas; e é nesse momento que ocorre uma ruptura com as expectativas alimentadas, abrindo precedente para o início de narrativas marcadas pela violência homofóbica perpetrada pelas famílias, escolas e pessoas com quem convivem, conforme apontam alguns estudos (CAMARGO, 2021; SANTOS et al., 2020; SILVA et al., 2021b).

De acordo com o Relatório Anual da Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Intersexuais (ILGA), Aengus Carroll e Lucas Ramón Mendos (2017) evidenciam que ainda há 72 países que criminalizam relações sexuais entre pessoas adultas do mesmo sexo. Dentre esse grupo, oito desses Estados aplicam pena de morte a pessoas que forem flagradas em ato sexual com alguém do mesmo sexo. Na América Latina, a situação também é alarmante: dez são os países que criminalizam ou que imputam alguma pena para experiências homossexuais, a saber: Antígua e Barbuda; Barbados; Dominica; Granada; Guayana; San Cristóbal e Nieves; Jamaica; San Vicente e Las Granadinas; Santa Lucía; e Trinidad e Tobago.

Lucas Ramón Mendos (2019) aponta que, dentre os 123 Estados que participam da Organização das Nações Unidas (ONU), há 36% deles que criminalizam relações afetivo-sexuais consensuais entre pessoas de um mesmo sexo. Esse dado nos revela que uma parte significativa dos Estados possui leis e regulamentos para restringir o direito à liberdade de expressão sexual: restrições a expressões de intimidade entre pessoas do mesmo sexo ou ao apoio a representações positivas das identidades e das sexualidades não heterossexuais.

Os autores ainda revelam que tais restrições se estendem aos relacionamentos virtuais entre pessoas do mesmo sexo, havendo agravamento das penalidades caso os encontros virtuais conduzam a envolvimento sexual, o que é no mínimo um cenário preocupante quando se leva em conta, por exemplo, a saúde psicológica de pessoas homossexuais. O Brasil, de acordo com os dados veiculados pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), é o país que mais mata pessoas LGBT no mundo, matando o dobro da quantidade que o segundo posicionado na lista. Ao total, em 2018, foram contabilizadas 420 mortes por homofobia ou outra forma específica de violência LGBT (MICHELS e MOTT, 2018).

Daniel Borrillo (2015) compreende a homofobia como um conjunto de atitudes aversivas contra indivíduos homossexuais, como medo e ódio, por exemplo. Contudo, chamamos atenção para o fato de que,

apesar de a homofobia se expressar no campo intrapessoal, isto é, interno, essa forma de violência não se resume à maneira como um conjunto de pessoas se sente em relação às pessoas homossexuais ou o que pensam a respeito delas. De forma a superar essa concepção, Leandro Colling (2018) chama a atenção para o fato de que a homofobia tem uma dimensão interpessoal e sócio-histórica e que influencia na relação direta com as pessoas (preconceito, perseguição, exclusão, etc.). O que implica no entendimento de que seu combate deve também ser feito nos cenários políticos, educacionais trabalhistas etc., uma vez que tais contextos fomentam sua existência e permanência. Ainda em consonância com o autor, isso revela que o debate sobre homofobia precisa ser articulado ao funcionamento dos processos históricos e das instituições sociais a fim de que consiga intervir sobre suas causas em um sentido mais amplo e contribuir efetivamente em seu combate.

A título de exemplificação, Guacira Lopes Louro (2018) nos mostra como os padrões de gênero e de sexualidade fazem parte de um dos cenários de maior importância no desenvolvimento humano: a escola. Conforme a autora, embora haja inúmeras tentativas de não se falar sobre gênero e sexualidade nas escolas, ambas as dimensões percorrem as relações estabelecidas no lócus escolar, visto que estão presentes nas políticas públicas de educação, nas crenças das gestões pedagógicas, na prática de professores (as) e até mesmo nas conversas entre alunos nos corredores e nas salas de aula. É expressivo o número de pesquisas que já evidenciam as implicações da experiência sistemática de homofobia na escola (VIEIRA et al., 2018a; ANTÔNIO et al., 2012; BAKER, 2013; REIS e EGGERT, 2017; SILVA, 2021; FARIAS, 2021).

Samira Loreto Edilberto Pompeu e Eloísio Moulin de Souza (2019) discutem que as rupturas entre a identidade sexual e as expectativas gestadas em espaços institucionais, como a escola e a família, podem levar à vulnerabilização de indivíduos homossexuais, uma vez que é fomentada a fragmentação dos laços sociofamiliares, operando-se processos de exclusão. As autoras ainda discutem que a homofobia se configura como uma experiência de solidão para o sujeito vítima da violência, porquanto alguns dos mais importantes loci de cuidado e de afeto acabam por se constituir também como os de maior veiculação de injúrias homofóbicas.

Para Borrillo (2015), a homofobia tem raízes históricas profundas, tendo sua gênese na intersecção da autoridade dos discursos médico, jurídico e religioso. E como implicação dessa intersecção, experiências homossexuais adquiriram status deslegitimadores, tais quais os de patologia, crime e pecado, o que reverbera na constituição psicológica de pessoas homossexuais (ROCON et al., 2019; SOBRAL et al., 2019; LIONÇO e DINIZ, 2015).

Pensando sobre a forma como sujeito e meio se conectam, Lev Semenovich Vigotski (2010b) afirma que os sujeitos são somente influenciados pelo contexto em que se situam, mas sim constituídos nele e por ele, de forma que tal constituição se dá no plano dos instrumentos e dos signos construídos no seio da cultura. Além disso, o autor mostra que também os indivíduos alteram o meio (físico e/ou simbólico) por meio de suas atividades, definida por Alexei Nicolaevich Leontiev (1978a) como o conjunto de ações orientado por uma necessidade destinada a um objeto em específico.

Ainda sobre a forma que os sujeitos constituem o meio em que se situam, Vigotski (1994) expressa que toda produção psíquica tem suas raízes nas relações sociais, ou seja, antes de a vida psíquica poder existir sob o formato de algumas funções psicológicas como linguagem, memória e consciência, isto é, antes de poder existir como realidade intrapsicológica, ela se configura como realidade interpsicológica, ou seja, localiza-se nas formas de comunicação (meio simbólico) e na herança material e cultural concreta (meio físico). A esse processo de transformação dos elementos externos em internos o autor chama de “internalização”.

Nessa esteira de compreensão, entende-se que a homofobia é um complexo fenômeno de violência cuja natureza congrega elementos psicossociais, ou seja, que se formam na relação do sujeito com o meio, o qual se manifesta tanto na esfera pessoal como nas configurações coletivo-institucionais. Assim, a homofobia se configura, em maior ou menor intensidade, como um fator que influencia o desenvolvimento dos sujeitos nas relações sociais, ecoando sob a forma de homofobia internalizada (HI) na constituição psíquica de indivíduos homossexuais. Nesse cenário, compreende-se por HIHI as parcelas de experiências homofóbicas

incorporadas por uma pessoa na vivência social, deslocando-as na direção de sua personalidade e do seu self (ANTUNES, 2017).

Estudos recentes (BAÉRE e ZANELLO, 2020; NUNAN, 2017; PAVELTCHUK, 2018) apontam para os danos da HI sobre a vida psicológica de homossexuais: assim, homossexuais que passaram por vivências de homofobia tendem a desenvolver mais transtornos psicológicos do que os que não passaram por essas vivências. Além disso, como apontam os mesmos estudos, a homofobia manifesta nos discursos legal, médico e religioso que contribuem para o aprofundamento da vivência de autorrejeição e inadequação por parte das pessoas homossexuais.

Apesar de tais estudos congregarem informações relevantes acerca de como se estrutura a HI e de quais suas implicações na vida de homossexuais, muitas de suas discussões, como o que se observa em Pedro Paulo Sammarco Antunes (2017), restringem-se à localização da discussão no campo intrapessoal, o que pode ser explicado tomando em conta as abordagens psicológicas que orientaram tais pesquisas. Ademais, a psicologização da HI presente nesses estudos pode estar ancorada sobre perspectivas de uma Psicologia Social que em nada se relacionam com a maneira como, na América Latina e no Brasil, experimenta-se esse problema, o que faz surgir a necessidade de uma teoria/abordagem que rompa com as dicotomias “sujeito-meio”, “objetividade-subjetividade”, “interno-externo”, “racional-emocional”.

Verifica-se a necessidade de uma teoria que contextualize a natureza psicossocial da questão. A qual se entende que a Psicologia Histórico-Cultural de L. S. Vigotski (1896-1934) congrega elementos suficientes para realizar esse debate de forma contextualizada, também se destaca a Teoria Histórico-Cultural como caminho teórico para a reflexão aqui empreendida e, assim, passa-se à descrição de como essa empreitada foi realizada e quais objetivos foram percorridos para que as articulações necessárias entre a problemática e a teoria sejam feitas.

Método

O presente estudo se insere dentro do espectro das pesquisas qualitativas em Psicologia e tem natureza teórico-bibliográfica, de maneira que verte seu olhar sobre a HI como processo psicossocial, a qual é interpretada a partir da Psicologia Histórico-Cultural. De acordo com Maria Cecília de Souza Minayo (2017), a pesquisa qualitativa permite ao pesquisador um maior detalhamento do processo em questão pesquisado, visto que evidencia suas características particulares/singulares. É um tipo de pesquisa que vai para além da generalização dos dados, que objetiva contribuir para a compreensão da totalidade a partir das partes, as quais, apesar de não traduzirem o todo, comportam elementos de sua constituição e dinâmica.

Tem-se por objetivo central realizar aproximações teóricas entre a literatura sobre HI e a Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski, as quais se evidenciam, de forma específica em: a) a natureza psicossocial do problema apresentado; b) a dinâmica do processo de internalização da homofobia; c) as implicações da HI para a configuração do psiquismo das pessoas homossexuais.

Para isso, recorre-se à Revisão Narrativa de Literatura (RNL), a qual se constitui em um tipo de método que objetiva descrever e discutir o desenvolvimento de um determinado assunto sob um ponto de vista teórico-contextual (BALBINO, 2021). A RNL é constituída basicamente pela análise da literatura publicada em livros, artigos de revista impressa e/ou eletrônica e pela interpretação análise crítica sob um enfoque específico. Além disso, a síntese proveniente de uma RNL é eminentemente qualitativa (GALVÃO; RICARTE, 2019).

A Psicologia Histórico-Cultural (PHC) se apresenta como possibilidade teórico-metodológica nesse estudo. Ela é uma abordagem da ciência psicológica, desenvolvida por L. S. Vigotski em meados da primeira metade do século XX. Insatisfeito com as perspectivas adotadas pelas correntes psicológicas de sua época, o autor propõe a organização de uma nova psicologia a fim de dar conta dos elementos sócio-históricos envolvidos na constituição humana (VIGOTSKI, 2004b). Vigotski (2006) pensava na constituição e no desenvolvimento humano de forma integral, o que implica a compreensão da união dos aspectos cognitivos,

afetivo-emocionais, motores, etc. numa espécie de sistema funcional e hierárquico. Para o autor bielorrusso, não fazia sentido pensar o psicológico como cisão, senão como integração dos múltiplos aspectos da vida humana.

Resultados e discussões

De forma a sistematizar os tópicos de análise os quais se percorreu esse estudo, estruturou-se a discussão em três sessões a partir das produções científicas acessadas (teses, dissertações, livros e artigos completos), a saber: a) a constituição do sujeito em Vigotski: apontamentos para a compreensão da natureza psicossocial da HI; b) a internalização como instrumento para a compreensão da HI, c) as implicações da HI para a constituição do psiquismo de pessoas homossexuais.

A constituição do sujeito em Vigotski: apontamentos para a compreensão da natureza psicossocial da homofobia internalizada

Vigotski sempre foi enfático ao dizer que o ser humano se forma inserido na cultura e no movimento dos processos históricos. Nessa mirada histórico-cultural, corroborando com Vigotski (2004b), Leontiev (1978b), destaca-se que houve um salto qualitativo na história do ser humano, o qual permitiu o desenvolvimento de formas superiores da conduta e do comportamento. Vigotski (2006) evidencia que o atravessamento da cultura e o desenvolvimento da linguagem permitiram a estruturação de um sistema psicológico unificado chamado por ele de consciência. Essa consciência, que tem natureza social, é escolhida por ele como o objeto de estudo de sua Psicologia.

Vieira et al. (2018b) destacam que muitos processos de mudança qualitativa acontecem na organização do psiquismo quando se apropria da herança cultural e material criada e acumulada pela humanidade ao longo dos séculos. Os autores evidenciam ainda que, nessa relação de apropriação, o psiquismo se expressa como o reflexo subjetivo da realidade concreto-objetiva, a qual não se acessa de maneira direta, mas de forma mediada pela linguagem (BRAGA, 2018; MARTINS et al., 2020). Vigotski (1994) entende a mediação como a interposição de um elo intermediário entre o ser humano e o mundo. Sendo assim, a natureza social mediada do psiquismo permite um novo tipo de relação entre sujeito e mundo, para além das relações primárias de transformação do mundo pelo homem apontadas por Friedrich Engels (2009).

Vigotski (1994) identifica que as primeiras formas de intervenção e de relação mediadas com o mundo se deram através dos instrumentos, isto é, de objetos concretos que permitem o ser humano alterar sua realidade material, tais como a lança e o lápis; contudo, a necessidade de organização social e de comunicação entre pares fomentou a criação de novos instrumentos que permitiu o desenvolvimento da linguagem e dos signos. Silvana Calvo Tuleski (2019) explica como o encontro com o outro foi central para a evolução do sistema simbólico e mediado, utilizado para se conectar com o contexto em que estão inseridos.

Vigotski (2008) entende os signos como “os instrumentos do meio simbólico”. Para o autor, eles se assemelham por permitirem a ação dos seres humanos sobre o mundo, com a diferença de que, enquanto os instrumentos alteram a realidade concreta; os signos alteram a realidade psicológica. O autor ainda afirma que a conquista dos instrumentos e dos signos impacta nas formas de relação social, em que as complexifica à medida que o psiquismo humano assume natureza mediada e à proporção que a comunicação passa de forma exterior para a interior. Contudo, como essa dinâmica interno-externo é operada?

Vigotski (1994) chama de “internalização” o processo de apropriação-transformação dos elementos externos presentes no meio (contexto) em elementos internos. Esse movimento modifica a conduta do sujeito, que passa a ser complexa. Lev Semenovich Vigotski e Alexander Romanovich Luria (1996) destacam que existem alguns níveis de organização da conduta humana, dentre eles a filogênese. Essa compreende o substrato biológico (anátomo-fisiológico) característico do ser humano como espécie que possibilita a organização básica da vida humana, isto é, organiza a possibilidade de responder às necessidades imediatas na

relação do indivíduo com o meio, tais como fome, proteção, sexo etc. A filogênese também porta consigo um conjunto de funções nomeadas por Vigotski (2006) de funções psicológicas inferiores.

O autor revela que, com a internalização da cultura, dá-se um profundo processo de conversão qualitativa dessas funções, passando à forma de funções psicológicas superiores, as quais serão fundamentais na configuração do psiquismo, funcionando, inclusive, como processos psicológicos integrados (ABRANTES e EIDT, 2019; VIGOTSKI, 1994). Entende-se que é nos movimentos de internalização e de conversão que se processa a subjetivação. Todavia, não se pode identificar o processo de internalização com uma assimilação passiva do meio e das relações que se estabelecem nele. Corroborando com o exposto por Zoia Ribeiro Prestes (2010), entende-se que o sujeito em Vigotski é eminentemente ativo, não sendo encerrado pelas determinações do contexto. O sujeito histórico-cultural não só transforma o meio com que se conecta, mas também constrói cadeias de significados em sua experiência social e reveste seu contexto de sentidos pessoais.

Acerca dos processos de subjetivação das pessoas homossexuais na cultura, percebe-se que há elementos singulares que perpassam a sua experiência e a sua constituição como sujeitos. Borrillo (2015) se refere a uma construção sistemática de discursos e práticas de perseguição e violação contra homossexuais, o que contribui para a configuração de uma imagem negativa e depreciada das identidades homossexuais.

A homofobia se configura como um conjunto de elementos presentes durante o desenvolvimento das pessoas homossexuais (GREEN et al., 2018; TREVISAN, 2018). São mediadores que incidem de forma particular sobre a sua dinâmica psicológica, geralmente contribuindo para o empobrecimento do autoconceito e da vida afetivo-emocional de tais sujeitos. Na Psicologia Histórico-Cultural, é chamado de mediadores os elementos presentes nas relações sociais e nos processos sócio-históricos que incidem sobre a forma como se percebe o mundo e a humanidade, que se apropria dos mediadores na dinâmica da internalização. Dependendo da natureza do mediador, diferentes são os efeitos sobre o desenvolvimento humano de indivíduos homossexuais.

Pessoas homossexuais se subjetivam na homofobia e a internalizam durante os múltiplos episódios sistemáticos de violência que as atravessam. Antunes (2017) denomina HI (HI) o conjunto de elementos ligados à homofobia dos quais pessoas homossexuais se apropriam em sua relação com a cultura. Conforme destaca o autor, a HI ecoa sob os mais variados campos da vida de homossexuais, podendo aparecer sob a forma de: autoimagem negativa, dificuldade para estabelecer relações sexuais, problemas com a manutenção de relações afetivo-sexuais duradouras, bloqueios quanto à exploração do próprio corpo, dentre outras formas de conduta e de comportamento. A HI tem uma marca eminentemente psicossocial uma vez que se realiza no contato que o sujeito homossexual estabelece com contextos homofóbicos, em que assimila ativamente os mediadores aos quais é sistematicamente exposto e com os quais interage em suas relações.

A internalização como instrumento para a compreensão da homofobia internalizada

Tendo entendido que a internalização é o processo de assimilação e de transformação da realidade externa em realidade interna e que a internalização está intimamente conectada com os processos de subjetivação, inclusive de homossexuais, como elaborado anteriormente, pode-se compreender que existe uma complexa relação de construção de significados e de atribuição de sentidos durante esse processo.

Vigotski (2008) mostra que a palavra é a unidade básica da vida consciente, uma vez que congrega em si a evolução das formas psíquicas de vida. Um dos elementos que permite a conversão das funções psicológicas inferiores em superiores é o atravessamento pela palavra (PEREIRA, 2021). De acordo com Vigotski e Luria (2005), a palavra traz às funções psicológicas novos elementos funcionais, como a capacidade de síntese, de generalização e de abstração. Ademais, essas funções adquirem o status simbólico da linguagem.

Vigotski (2008) entende que a palavra tem basicamente duas dimensões centrais: o significado e o sentido. A primeira dimensão é a mais estável da palavra, aquela que se localiza na convenção social da comunidade sobre um dado objeto ou questão, porém, à medida que os processos históricos se operam, os significados podem mudar. A segunda, por sua vez, é expressa como a dimensão mais fluida e pessoal da

palavra, diz respeito à maneira como um sujeito específico reveste simbolicamente um objeto ou questão.

Vigotski (2006) explicita ainda que a palavra influencia diretamente a organização de processos psicológicos como pensamento e linguagem, e que isso se dá no nível da formação de conceitos. O autor elenca a formação de conceitos dentre as funções psicológicas superiores, a qual tem sua expressão máxima a partir da adolescência, por volta dos 13 anos de idade, período em que a capacidade de síntese, abstração e generalização se efetivam sobre os conceitos formados. Outrossim, as formas primitivas de organização dos conceitos, a saber, os conceitos sincréticos, dão lugar às formas superiores e elaboradas: os conceitos científicos propriamente ditos.

Contudo, não são somente elementos cognitivos que estão envolvidos na internalização, na formação de conceitos e na organização da palavra, mas também as configurações afetivo-emocionais. Vigotski (2004c) entende que as emoções possuem status de função psicológica assim como processos de linguagem, memória e atenção. Desse modo, as emoções também são mediadas pela cultura e são enriquecidas na internalização e na conversão. Flávia Gonçalves da Silva (2021) explica que os eventos emocionais que atravessamos se constituem em potentes mediadores da nossa vida psíquica, podendo alterar diretamente a nossa relação com o mundo; exemplo disso são as experiências de abandono, de desconfiguração dos vínculos sociofamiliares, de violência física e simbólica por que passam as pessoas homossexuais (SILVA et al., 2021a; MENDANHA e BERNARDES, 2018).

Caminhos afetivo-emocionais também são percorridos na internalização. Cognição e afeto são expressões indivisíveis de uma mesma realidade psíquica. Apoiada na perspectiva Histórico-Cultural, Yulia Solovieva (2019) descreve que o desenvolvimento humano é marcado por crises, as quais correspondem a períodos em que a consciência se reconfigura, tendo em vista as novas necessidades que se impõem na relação do sujeito com o mundo. Acontece que eventos emocionais afetam diretamente a constituição da personalidade, positivamente ou negativamente, dependendo da natureza do evento emocional e do contexto (LEONTIEV, 1978a; VIGOTSKI, 2010b).

Elementos psicossociais da homofobia, com seus componentes cognitivos e afetivo-emocionais, contribuem para a produção de feridas psicológicas profundas na subjetividade de pessoas homossexuais, de forma que atravessamentos de violência homofóbica se efetivam sob o formato de HI no campo da personalidade e das vivências de tais pessoas, os quais empobrecem sua vida psíquica. Os processos de subjetivação e de internalização de homossexuais são marcados por mediadores singulares, como a homofobia. Ela produz uma série de implicações sobre a saúde psicológica de sujeitos homossexuais, reconfigurando, inclusive, a maneira como se relacionam com o mundo e consigo mesmos.

As implicações da homofobia internalizada para a constituição do psiquismo de homossexuais

A HI por homossexuais os prejudica em diversas dimensões de suas vidas, desde, por exemplo, a sensação de sentirem-se seguros ao andar pela rua até o estabelecimento de práticas sexuais seguras (LOZANO-VERDUZCO, 2017; NEVES, 2020). Em corroboração com essa ideia, Paloma Pegolo de Albuquerque e Lúcia de Cavalcanti de Williams (2015) e Raquel António et al. (2012) descrevem que homossexuais em período escolar com maiores índices de HI costumam apresentar desempenho inferior a heterossexuais ou a homossexuais com níveis menores de HI, o que pode conduzir ao fracasso escolar e à evasão do ambiente escolar (NASCIMENTO et al., 2019).

A disposição afetivo-emocional das pessoas homossexuais é afetada pela HI, uma vez que os componentes emocionais provenientes de experiências homofóbicas são internalizados e incorporados à personalidade e ao self desses sujeitos. Ademais, a violência homofóbica passa a constituir a vida emocional de homossexuais, que pode conduzir à depreciação de sua própria identidade (BRANDÃO et al., 2020). Sobre a relação com a sexualidade, Vigotski (2010b) já apontava que a negação dos elementos da sexualidade não é o caminho mais efetivo para lidar com os múltiplos processos que a sexualidade humana implica. Como alternativa, ainda na primeira metade do século XX, o autor sugeriu a incorporação das discussões sobre sexualidade no currículo escolar.

Assim como as demais funções que compõem a consciência, as emoções apresentam um salto significativo quando são atravessadas pela linguagem, isto é, pelo sistema simbólico, que também se mostra sob a forma de subtexto da linguagem (VIGOTSKI, 2008; 2010a). Tendo em vista que a homofobia se mostra como um forte mediador na vida emocional de homossexuais e passa a figurar como HI em seu psiquismo, há danos na vida psíquica desses sujeitos; assim, homossexuais são mais propensos ao desenvolvimento de transtornos psicológicos, como ansiedade e depressão (MENDANHA e BERNARDES, 2018), além de outras práticas auto danosas como o suicídio (CASTRO, 2021).

Daniel Cerdeira de Souza, Andrews do Nascimento Gomes, Ícaro Gonçalves de Castro e Iramilson da Silva Mesquita (2018) discutem que há situações específicas de estresse, características do cotidiano das pessoas homossexuais. Os autores chamam de estresse minoritário os elementos estressores vivenciados exclusivamente por parte de uma minoria sexual, como homossexuais, por exemplo. Para eles, os estressores sociais associados à estima negativa de ser homossexual levam a maiores níveis de HI. Esses sujeitos, durante a infância e a adolescência, potencialmente escutaram de algum membro de sua família comentários hostis e depreciativos em relação à homossexualidade (CARVALHO et al., 2019).

Tecendo uma relação entre os efeitos da homofobia sobre o desenvolvimento psicológico e a Psicologia Histórico-Cultural, ancora-se em Vigotski (2006), segundo o qual, as crises psicológicas, momento em que o psiquismo se reconfigura para atender às novas necessidades que se interpõem entre sujeito e meio, devem ser manejadas de forma saudável, de modo que, caso esse movimento não ocorra, poderá haver comprometimentos no desenvolvimento do sujeito. Acontece que, como exposto anteriormente (BAKER, 2013), crianças e adolescentes homossexuais são machucados sistematicamente por episódios de homofobia, tendo a HI um de seus resultados.

Tuleski (2019) traça algumas diferenças em relação à forma como crianças e adultos lidam com conteúdos ligados à sexualidade. A autora explica que, na infância, a linguagem e os conceitos não se apresentam em seu registro mais elaborado; por isso sua forma de comunicação está estabelecida na espontaneidade e no sincretismo. Episódios de violência ligados à sexualidade não são simbolizados e passam à forma de tônus emocional, que é sobremaneira inconsciente, fora da compreensão imediata da criança. Vigotski (2004a) esclarece que esse tônus emocional se insere nos processos afetivo-emocionais ao longo da vida adulta, podendo ecoar como condutas patológicas aqui já mencionadas.

Patrícia Verilingue Ramires Monteiro e João Henrique Rossler (2020) especificam que, a despeito das diferenças dos sistemas simbólicos do adulto e da criança, insultos e deprecições ligados à esfera da sexualidade são perpetrados contra crianças cujos comportamentos divergem das expectativas em função de sua sexualidade ou identidade de gênero (FIORINI et al., 2018). Acontece que tais sujeitos nem sequer possuem os recursos simbólicos necessários para a compreensão da sexualidade, seja no que diz respeito às particularidades que ela pode assumir, seja no que se refere ao conteúdo depreciativo que vem vinculado a ela pelos insultos homofóbicos.

Considerações finais

A Psicologia Histórico-Cultural de L. S. Vigotski se configura em uma teoria necessária e potente para pensar a maneira como os aspectos sócio-históricos e os psicológicos se articulam. No caso da HI, essa rica relação proporciona uma guinada na maneira como se interpreta a realidade psíquica de sujeitos homossexuais, a qual constrói uma compreensão crítica capaz de olhar para os processos de subjetivação desde uma perspectiva que os finca na história e na cultura. A Psicologia Histórico-Cultural rompe com as dicotomias “externo-interno”; “objetividade-subjetividade”, “razão-emoção” etc. observadas nos arranjos teóricos de outras abordagens sobre a HI.

A HI possui natureza extremamente social, a qual tem em seu processo de internalização a compreensão e a natureza de seu funcionamento. Entende-se que a homofobia está para além do medo irracional e do sentimento de aversão que pessoas heterossexuais e homossexuais constroem em torno da

homossexualidade; desse modo, compreende-se que a homofobia não tem sua gênese na intrapessoalidade, mas sim na interpessoalidade, isto é, nas relações sociais forjadas no seio da história e da cultura.

A internalização, de modo mais específico a internalização da homofobia, conjuga elementos cognitivos e emocionais simultaneamente, tendo em vista que os atravessamentos afetivo-emocionais também compreendem o cenário de vivências de sujeitos homossexuais. Ademais, os conceitos formados durante a apropriação e a transformação da cultura são perpassados pela violência da homofobia, os quais acarretam reconfigurações danosas no campo das vivências e da personalidade.

Múltiplas são as implicações psicossociais da HI na vida psíquica de homossexuais, os quais são expostos à homofobia desde a mais tenra infância. Há uma série de rupturas nos vínculos que essas pessoas estabelecem, inclusive em grupos primários, como a família e a escola, empobrecendo a rede de apoio. A HI, que tem sua gênese nas relações sociais, também se configura como fator de risco para o desenvolvimento de transtornos psicológicos em homossexuais, tais como ansiedade e depressão; também há correspondência entre práticas auto danosas, como suicídio e automutilação, bem como os níveis de HI apresentados por esses sujeitos.

Referências

- ABRANTES, A. A.; EIDT, N. M. Psicologia histórico-cultural e a atividade dominante como mediação que forma e se transforma: contradições e crises na periodização do desenvolvimento psíquico. *Obutchénie: Revista de Didática e Psicologia Pedagógica*, v. 3, n. 3, p. 1-36, 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/Obutchenie/article/view/51694>. Acesso em: 20 fev. 2022.
- ALBUQUERQUE, P. P.; WILLIAMS, L. C. A.. Homofobia na escola: relatos de universitários sobre as piores experiências. *Temas em Psicologia*, v. 23, n. 3, p. 663-676, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751492011.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2022.
- ANTÓNIO, R. et al. Bullying homofóbico no contexto escolar em Portugal. *Psicologia*, v. 26, n. 1, p. 17-32, 2012. Disponível em: <https://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/260>. Acesso em: 16 abr. 2022.
- ANTUNES, P. P. S. *HI: o preconceito do homossexual contra si mesmo*. São Paulo: Annablume, 2017.
- BAÉRE, F. D.; ZANELLO, V. Suicídio e Masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. *Psicologia em estudo*, v. 25, p. 01-15, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/LzMM7YDThptPXCKjKpKnWkn/?lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 2022.
- BALBINO, F. C. D. S. *Fatores sociais na produção do sofrimento psíquico: uma revisão narrativa da literatura*. 2021. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Departamento de Psicologia–Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/61840>. Acesso em: 20 fev. 2022.
- BAKER, J. M. *How homophobia hurts children: nurturing diversity at home, at school, and in the community*. Texas: Routledge, 2013.
- BORRILLO, D. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- BRAGA, E. S. *A constituição social do desenvolvimento: Lev Vigotski: precursor da teoria histórico-cultural: a importância da cultura e da linguagem na constituição do psiquismo*. 2018. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002915543>. Acesso em: 20 fev. 2022.
- BRANDÃO, A. C. et al. Satisfação da imagem corporal e suas relações com sexo biológico, orientação sexual, identidade de gênero e esquemas de gênero do autoconceito em bailarinos: uma revisão sistemática. *Motrivência*, v. 32, n. 62, p. 01-14, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivencia/article/view/2175-8042.2020e62995>. Acesso em: 20 fev. 2022.

CAMARGO, A. F. B. T. *A homofobia no contexto escolar: uma análise da literatura a partir da psicologia histórico-cultural*. 2021. 177 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)—Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2021. Disponível em: <https://ri.ufmt.br/handle/1/2763>. Acesso em: 20 fev. 2022.

CARROLL, A.; MENDÓS, L. R. *Homofobia de Estado: estudio jurídico mundial sobre la orientación sexual en el derecho: criminalización, protección y reconocimiento*. Genebra: ILGA, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ciem.ucr.ac.cr/jspui/handle/123456789/216>. Acesso em: 20 fev. 2022.

CARVALHO, K. G. et al. Comportamento suicida em minorias sexuais: prevalência e fatores associados. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 11, n. 14, e867, 2019. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/867>. Acesso em: 20 fev. 2022.

CASTRO, H. E. B. D. *Entre o dito e o não dito: uma análise de conteúdo dos enquadramentos sobre o suicídio LGBT publicados pelo jornalismo on-line no Brasil*. 2021. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)—Centro Universitário de Guararapes, Salvador, 2021.

COLLING, L. A emergência dos ativismos das dissidências sexuais e de gêneros no Brasil da atualidade. *Sala Preta*, v. 18, n. 1, p. 152-167, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/125684>. Acesso em: 20 fev. 2022.

COUTO JUNIOR, D. R. D., OSWALD, M. L. M. B.; POCAHY, F. A. Gênero, sexualidade e juventude (s) Problematizações sobre heteronormatividade e cotidiano escolar. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, 18(1), p. 124-137, 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/28046>. Acesso em: 20 fev. 2022.

ENGELS, F. O papel do trabalho na transformação do macaco em homem. *Revista Trabalho Necessário*, v. 4, n. 4, p. 01-9, 2009. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/4603>. Acesso em: 20 fev. 2022.

FARIAS, R. S. Fracasso escolar e homofobia no contexto da escola pública. *Revista Cocar*, v. 15, n. 32, p. 01-21, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4413>. Acesso em: 20 fev. 2022.

FIORINI, J. S., RIBEIRO, P. R. M.; DESIDÉRIO, R. *Gênero, sexualidade e mídia: contribuições para educação sexual na infância. Reflexões sobre a sexualidade nos espaços midiáticos*. Londrina: Syntagma Editores, 2018.

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. *Logeion: Filosofia da informação*, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2019. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4835>. Acesso em: 20 fev. 2022.

GREEN, J. N. et al. *História do movimento LGBT no Brasil*. Bela Vista: Alameda, 2018.

LEONTIEV, A. N. *Actividade, consciência e personalidade*. 1978a. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/leontiev/1978/activperson/index.htm>. Acesso em: 20 fev. 2022.

LEONTIEV, A. N. O homem e a cultura. In: *O desenvolvimento do psiquismo*. São Paulo: Centauro, 1978b. p. 261-284.

LIONÇO, T.; DINIZ, D. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. *Revista Psicologia Política*, v. 8, n. 16, p. 307-324, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-549X2008000200009&script=sciabstract>. Acesso em: 20 fev. 2022.

LOURO, G. L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LOZANO-VERDUZCO, I. *Efeitos da HI na saúde mental e sexual de gays na Cidade do México*. *Gender and Health in Figures*, v. 14, n. 3, p. 32-45, 2017. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/download/3523/2541>. Acesso em: 20 fev. 2022.

MARTINS, L. M., ABRANTES, A. A.; FACCI, M. G. D. *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice*. Campinas: Autores Associados, 2020.

MENDANHA, A. C. T.; BERNARDES, L. A. Transtorno de ansiedade social e a não aceitação da homossexualidade: revisão narrativa. *PUCMINAS*, v. 3, n. 6, p. 133-52, 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/18410>. Acesso em: 20 fev. 2022.

MENDOS, L. R.. *Homofobia de Estado: actualización del paronama global de la legislación*. Genebra: ILGA, 2019.

MICHELS, E.; MOTT, L. *População LGBT morta no Brasil: relatório 2018*. Salvador: GGB, 2018. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contra-lgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2022.

MINAYO, M. C. S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista pesquisa qualitativa*, v. 5, n. 7, p. 01-12, 2017. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82>. Acesso em: 20 fev. 2022.

MONTEIRO, P. V. R.; ROSSLER, J. H. A unidade afetivo-cognitiva: aspectos conceituais e metodológicos a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia Revista*, v. 29, n. 2, p. 310-334, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/43966>. Acesso em: 20 fev. 2022.

NASCIMENTO, V.; PIRES, R. G.; MACHADO, A. G. *Existência Invisível: uma revisão narrativa sobre as questões da sexualidade no espaço escolar*. *Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco*, v. 9, n. 19, p. 47-69, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/287>. Acesso em: 20 fev. 2022.

NEVES, D. J. *Bullying e homofobia no contexto escolar: concepções homofóbicas de estudantes do ensino médio no Mato Grosso do Sul*. 2020. 104 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)—Universidade Federal de Grandes Dourados, Dourados, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/4029>. Acesso em: 20 fev. 2022.

NUNAN, A. Preconceito internalizado e comportamento sexual de risco em homossexuais masculinos. *Psicologia Argumento*, v. 28, n. 62, p. 32-41, 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/19941>. Acesso em 20 fev. 2022.

OLIVEIRA NETO, José da Silva et al. Entre o azul e o rosa: Marx como possibilidade na Psicologia Social. In: LIMA, C. L. et al. (Orgs.). *Identidade, contemporaneidade e práticas psicológicas no contexto brasileiro*. Parnaíba: EdUFPI, 2018, p. 481-488. Disponível em: <http://www.cpbr2018.com.br/2018/06/e-book-i-cpbr-2018.html>. Acesso em: 20 fev. 2022.

PAVELTCHUK, F. D. O. *Estresse de minorias e desfechos de saúde mental em pessoas LGB*. 2018. 99 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/35825/35825.PDF>. Acesso em: 20 fev. 2022.

PEREIRA, K. *Funções psicológicas superiores na concepção de Vygotsky: base do desenvolvimento e aprendizagem infantil*. 2021. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)—Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021. Disponível em:

<https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/1972>. Acesso em: 20 fev. 2022.

POMPEU, S. L. E.; SOUZA, E. M. D. A discriminação homofóbica por meio do humor: naturalização e manutenção da heteronormatividade no contexto organizacional. *Organizações & Sociedade*, v. 26, n. 91, p. 645-664, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/pWgZYv9FQT7xprdR7ZXbFsS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 2022.

PRESTES, Z. *Quando não é quase a mesma coisa*: traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil. 2010. 295 f. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/9123>. Acesso em: 20 fev. 2022.

REIS, T.; EGGERT, E. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. *Educação & Sociedade*, v. 38, n. 138, p. 09-26, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/htcmPttvFjg4sb8rYT8CzPD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 2022.

RIOS, P. P. S.; DIAS, A. F.; BRAZÃO, J. P. G. As brincadeiras denunciavam que eu era uma criança viada: o gênero fabricado na infância. *Revista Educação em Questão*, v. 57, n. 54, p. 38-58, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/18651>. Acesso em: 20 fev. 2022.

ROCON, P. C. et al. Acesso à saúde pela população trans no Brasil: nas entrelinhas da revisão integrativa. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 18, n. 1, p. 01-18, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/NGpjbDZLqR78J8Hw4SRsHwL/?lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SANTOS, N. P. D. et al. Relações familiares da rede social de jovens homossexuais masculinos. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 73, n. 6, p. 01-08 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/B4JvWW3Fjg4zzxWBHNZRqyr/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SILVA, F. G. O adoecimento psíquico na psicologia histórico-cultural: a patopsicologia. *Interação em Psicologia*, v. 25, n. 2, p. 232-242, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/71721>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SILVA, J. C. P. D. et al. Diversidade sexual: uma leitura do impacto do estigma e discriminação na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, n. 07, p. 2643-2652, 2021a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/TCJ6mXyyK4pB94FDNhcjZZc/?lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SILVA, P. L. N. et al. Homofobia e violência de gênero contra lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros no Brasil: revisão integrativa de publicações (2010–2020). *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, v. 5, n. 14, p. 116-126, 2021b. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/219>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SOBRAL, H. S.; SILVA, M. L. V.; FERNANDES, S. C. S. (2019). Homofobia: o que a psicologia brasileira tem a dizer? Artigo de revisão. *CES Psicología*, v. 12, n. 3, p. 20-34, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/cesp/v12n3/2011-3080-cesp-12-03-20.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SOLOVIEVA, Y. Neuropsicología Histórico-Cultural: una concepción sistémica e integral acerca de fenómenos psicológicos y sus bases cerebrales. *Estudios de Psicología (Natal)*, v. 24, n. 01, p. 65-75, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-294X2019000100008&script=sci_abstract&tlng=es. Acesso em: 20 fev. 2022.

SOUZA, D. C. et al. *A produção literária sobre HI*. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 2, n. 5, p. 01-18, 2018. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh/article/view/199>. Acesso em: 20 fev. 2022.

TREVISAN, J. S. *Devassos no Paraíso*: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. São Paulo:

Objetiva, 2018.

TULESKI, S. C. A unidade do psiquismo humano para Vigotski e a desagregação desta na esquizofrenia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 35, e35424, p. 01-11, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistatp/article/view/23306>. Acesso em: 20 fev. 2022.

VIEIRA, R. P.; GHERARDI, S. R. M.; SEVERO, M. F. S. W. Causas e Consequências da Homofobia na Escola: uma revisão bibliográfica. *Multi-Science*, v. 01, n. 10, p. 69-77, 2018a. Disponível em: <https://periodicos.ifgoiano.edu.br/index.php/multiscience/article/view/381>. Acesso em: 20 fev. 2022.

VIEIRA, A. P. A.; LEAL, Z. F. D. R. G.; SOLOVIEVA, Y. A avaliação psicológica da atividade voluntária a partir da Psicologia Histórico-Cultural: os instrumentos desenvolvidos no México. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 22, n. 02, p. 271-280, 2018b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/7yRh3w9Zc45knmYb6vQnNm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 2022.

VIGOTSKI, L. S. A. Educação do comportamento emocional. In: L. S. Vigotski. *Psicologia pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2010a. p. 113-124.

VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VIGOTSKI, L. S. A psique, a consciência, o inconsciente. In: VIGOTSKI, L. S. *Teoria e método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004a. p. 137-159. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/5863>. Acesso em: 20 de fev. 2022.

VIGOTSKI, L. S. A questão do meio na pedologia. *Psicol. USP*, v. 21, n. 4, p. 681-701, 2010b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/4VnMkhXjM8ztYKQRy4wfYC/?lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 2022.

VIGOTSKI, L. S. O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica. In: VIGOTSKI, L. S. *Teoria e método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004b. p. 160-183.

VIGOTSKI, L. *Psicologia Concreta do Homem (Manuscrito de 1929)*. *Educação e Sociedade*, v. 71, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/hgR8T8mmTkKsNq7TsTK3kfC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 2022.

VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins fontes, 2008.

VIGOTSKI, L. S. *Teoría de las emociones: estudio histórico-psicológico*. Barcelona: Ediciones Akal, 2004c.

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R. *Desenvolvimento, linguagem e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 2005.

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R. *Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança*. São Paulo: Artes Médicas, 1996.

Recebido em: 20/02/2022

Aprovado em: 18/04/2022